

Relato de Experiência

Experiência docente na mediação de entrevistas via rádio: diálogos sobre Educação Ambiental e Educação do Campo

Teaching experience in mediating radio interviews: dialogues on Environmental Education and Rural Education

Experiencia docente en la mediación de entrevistas vía radio: diálogos sobre Educación Ambiental y Educación Rural

Rafael Almeida de Freitas

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais, Carangola, MG, Brasil

RESUMO

No presente artigo, apresento entrevistas mediadas via rádio, promovidas por meio de um projeto de extensão universitária em parceria com uma rádio local, no contexto da Região da Zona da Mata Mineira. Relato as temáticas da Educação Ambiental e Educação do Campo na perspectiva da comunicação e divulgação científicas, baseado nas contribuições do rádio como tecnologia de informação e comunicação que contribui para o desenvolvimento crítico da população e possibilita aproximações entre a universidade e a comunidade local. Discuto como as entrevistas via rádio podem contribuir com as práticas de (in)formação e comunicação, baseado em experiências vividas enquanto docente mediador de duas entrevistas realizadas durante os anos de 2021 e 2022 no programa “Hora da UEMG”, pela rádio Educativa FM 96,7, no contexto pandêmico de afastamento e isolamento social. O programa é vinculado a um projeto de extensão registrado na Universidade do Estado de Minas Gerais – Carangola, no qual atuei como colaborador. A experiência enquanto mediador evidencia e ratifica a importância do rádio como dispositivo de (in)formação e comunicação, possibilitando nesse caso diálogos sobre Agricultura Familiar e Meio Ambiente, Educação do Campo e Educação Ambiental. Sinalizo para a relevância da atividade de mediação em aspectos da formação e atuação docentes, com destaque para a docência universitária e para o desenvolvimento da população acerca dos saberes compartilhados e da compreensão crítica do rádio enquanto tecnologia e veículo de informação e comunicação.

Palavras-chave: Extensão universitária; Mídia sonora; Tecnologias de Informação e Comunicação

ABSTRACT

In this article, I present interviews mediated via radio, promoted through a university extension project in partnership with a local radio, in the context of the Zona da Mata Mineira Region. I report the themes of Environmental Education and Rural Education from the perspective of scientific communication and dissemination, based on the contributions of radio as an information and communication technology that contributes to the critical development of the population and enables approximations between the university and the local community. I discuss how radio interviews can contribute to (in)formation and communication practices, based on experiences as a teacher mediator in two interviews carried out during the years 2021 and 2022 on the program "Hora da UEMG" on radio station Educativa FM 96.7, within the pandemic context of social distancing and isolation. The program is linked to an extension project registered at the State University of Minas Gerais – Carangola, in which I worked as a collaborator. The experience as a mediator highlights and reaffirms the importance of radio as a (in)formation and communication device, enabling in this case dialogues on Family Agriculture and the Environment, Rural Education, and Environmental Education. I emphasize the relevance of the mediation activity in aspects of teacher training and performance, particularly in university teaching and the development of the population regarding shared knowledge and critical understanding of radio as a technology and vehicle for information and communication.

Keywords: University extension; Sound media; Information and Communication Technologies

RESUMÉN

En este artículo, presento entrevistas mediadas por radio, promovidas a través de un proyecto de extensión universitaria en colaboración con una radio local, en el contexto de la Región Zona da Mata Mineira. Reporto los temas de Educación Ambiental y Educación Rural desde la perspectiva de la comunicación y divulgación científica, a partir de los aportes de la radio como tecnología de información y comunicación que contribuye al desarrollo crítico de la población y posibilita acercamientos entre la universidad y la comunidad local. Discuto cómo las entrevistas radiales pueden contribuir a las prácticas de (in)formación y comunicación, a partir de experiencias vividas como docente que medió dos entrevistas realizadas durante los años 2021 y 2022 en el programa "Hora da UEMG", en radio Educativa FM 96, 7, en el contexto de pandemia de retraimiento y aislamiento social. El programa está vinculado a un proyecto de extensión registrado en la Universidad Estatal de Minas Gerais – Carangola, en el que trabajé como colaborador. La experiencia como mediador evidencia y confirma la importancia de la radio como dispositivo de (in)formación y comunicación, posibilitando en este caso diálogos sobre Agricultura Familiar y Medio Ambiente, Educación Rural y Educación Ambiental. Señalo la relevancia de la actividad de mediación en aspectos de formación y desempeño docente, con énfasis en la docencia universitaria y el desarrollo de la población en cuanto al conocimiento compartido y la comprensión crítica de la radio como tecnología y vehículo de información y comunicación.

Palabra-clave: Extensión Universitaria; Medios de sonido; Tecnologías de la Información y la Comunicación

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento científico e tecnológico tem impactado diretamente o cotidiano da vida humana. O conhecimento avançado tem modificado as formas de comunicação e aprendizagem por meio do desenvolvimento novas ferramentas tecnológicas, corroborando com a complexificação das relações humanas e das práticas de informação e comunicação. Nas últimas décadas, uma nova identidade humana tem se constituído pela relação com as novas tecnologias. O impacto do conhecimento (historicamente construído) sobre o cotidiano e a organização da vida humana fica evidente em expressões como: “sociedade da informação” (Del Bianco, 2009) e “sociedade do conhecimento” (Valente, 1999). Dentre os desafios contemporâneos partilhados em sociedade, destaca-se a questão da informação e da comunicação, elementos importantes à construção do conhecimento e discutidos no âmbito da divulgação científica.

Um meio de comunicação social de amplo alcance é o rádio, instantâneo e presente em toda parte, sendo ele a primeira manifestação tecnológica de uma realidade virtual que significativamente implicou sobre os modos de pensar no século XX (Del Bianco, 2009). O rádio contribui com os processos educativos e serve de instrumento mediador da (in)formação e comunicação, sendo importante que consideremos aquilo que se comunica e como as informações são socialmente compartilhadas. É importante considerar, ainda, como apontam Del Bianco e Pinheiro (2017), que a origem da difusão radiofônica brasileira está relacionada ao interesse de sociedades e clubes que financiavam tais ações com doações de ordem diversas. Os autores ressaltam o caráter não comercial das primeiras emissoras, a exemplo de Roquette-Pinto, que, com o objetivo de combater o analfabetismo, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro no ano de 1923.

As características tecnológicas do rádio permitem situá-lo como importante recurso na divulgação científica. Sua atratividade está na oralidade de sua linguagem,

sendo os programas de rádio caracterizados por elementos de drama, afeto, amizade, humor, solidariedade e esperança, compreendendo uma diversidade de discursos e atendendo a demandas simbólicas por lazer, entretenimento, informação e companhia (Del Bianco, 2009). Especialmente no contexto da pandemia do novo coronavírus, durante os anos de 2020 a 2022, e do isolamento e distanciamento social necessário à superação da crise ambiental e sanitária, o rádio demonstrou ser uma ferramenta importante na manutenção dos processos educacionais, na (in)formação e comunicação.

O rádio, desde sua invenção, “[...] caracterizou-se como um mecanismo que possibilita a disseminação de informação com capacidade de atingir um grande público, anônimo e heterogêneo” (Gomes, 2017). Tal contribuição se manteve, especialmente, no contexto pandêmico dos últimos anos, cenário em que se fez necessária a adoção de estratégias que corroborassem na circulação de informações, na comunicação e divulgação científica.

O caráter educativo do rádio é mencionado por Lima e Moraes (2021), especialmente ao considerarmos os impactos da pandemia dos últimos anos. Segundo as autoras, a rotina da emissora foi alterada e a abordagem de temas científicos relacionados ao novo coronavírus se mostrou relevante à divulgação científica pretendida. O espaço aberto a especialistas e à comunicação científica realizada é apontado como ponto importante do trabalho realizado, com vista para a socialização de saberes, para a informação, entretenimento e prestação de serviço à comunidade.

A comunicação pode ser compreendida, assim, como “[...] um processo sociocultural, relacional e de produção de sentidos em que os sujeitos envolvidos nos processos comunicativos, sejam ou não mediados tecnologicamente, não são passivos, mas participantes ativos, negociam e produzem saberes na interação com seus interlocutores” (Cocco; Caimi, 2022).

Nessa perspectiva chamo atenção para contribuições do rádio no campo da divulgação científica, na perspectiva da socialização do conhecimento, baseado em

entrevistas mediadas com foco em assuntos/temas sobre Agricultura Familiar e Meio Ambiente, na interface da Educação do Campo e da Educação Ambiental. Refiro-me ao contexto de um programa de rádio vinculado a um projeto de extensão universitária, sobre o qual objetivo relatar e discutir como as entrevistas via rádio possibilitaram a socialização de saberes por meio da prática de (in)formação e comunicação abertas. Com isso, procuro fazer com que algumas indagações possam ser respondidas: *Quais as contribuições do programa “Hora da UEMG” para a (in)formação e comunicação via projeto de extensão? Que conteúdos e conhecimentos de Educação Ambiental e Educação do Campo são mobilizados na transmissão por rádio?*

Baseio-me, para tanto, em experiências enquanto docente mediador de duas entrevistas, realizadas nos anos de 2021 e 2022. Chamo atenção para o potencial do rádio, assim como do projeto de extensão e da parceria entre universidade e comunidade local, como estratégia que potencializa os processos (in)formativos e comunicativos.

2 O RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE (IN)FORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

De acordo com Valente (1999), a palavra “mudança” descreve a sociedade atual. Para ele, “[...] essas mudanças implicam profundas alterações em praticamente todos os segmentos da nossa sociedade, afetando a maneira como atuamos e pensamos” (Ibid., p. 29), na perspectiva de que a valorização do conhecimento demanda uma nova postura dos profissionais, sendo importante que os processos educacionais sejam considerados criticamente.

A importância da educação crítica é abordada por Paulo Freire, por exemplo, quando este comenta sobre os seres humanos e sua natureza relacional. Ou seja, pela tendência ao estabelecimento de relações entre seres humanos – no mundo e com o mundo (Freire, 1967). Por meio dessas relações, a realidade objetiva é modificada. Processos de interação e comunicação possibilitam que a dinâmica relacional ocorra em complexidades cuja expressão está intimamente relacionada à subjetividade

do ser e da atividade humana. Essa crítica também é admitida como necessária à compreensão das tecnologias:

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, e a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade e a rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado (Freire, 2000, p. 46).

As mudanças na sociedade impactam o cotidiano individual e coletivo e as relações humanas em geral, produzindo outros modos de vida sob a ótica das novas formas de acesso e compartilhamento de informações. Assim, o potencial educativo das tecnologias (digitais) de informação e comunicação vem sendo reconhecido, especialmente, no decorrer do século XX (Valente, 1999; Del Bianco, 2009). Ocorre que, dentre essas mudanças, nas décadas de 1960 e 1970 acontecem experiências de educação pelo rádio no Brasil, as quais são desenvolvidas com foco na alfabetização de adultos, educação supletiva e capacitação para o trabalho, sendo as atividades marcadas por seu caráter maciçamente instrucional (Del Bianco, 2009). Apesar da perda de sua centralidade midiática na sociedade atual (marcada pelo conhecimento), em relação à disseminação da televisão, por exemplo, o rádio continua sendo foco de apelo popular (Ibid., 2009).

Del Bianco (2009) afirma que

Em função de características tecnológicas, a linguagem radiofônica tende a ser intimista, sugestiva, simples, objetiva, direta e agradável. Quando explorada de forma criativa e consistente, pode favorecer a captação direta e compreensível de conteúdos educativos (p. 57).

Seja enquanto emissor ou receptor, o processo (in)formativo e comunicativo requer dos envolvidos ética e responsabilidade sobre o conteúdo e a forma como este é comunicado, tendo em vista que a comunicação radiofônica estimula a imaginação, criando diferentes níveis de percepção e interpretação de determinada mensagem

por meio de códigos sonoros (Del Bianco, 2009). Contribuições da comunicação via rádio são destacadas por Rocha e Vaccarini (2015), ao tratarem de um programa desenvolvido semanalmente, cujo foco compreendia diversas manifestações culturais de uma região, contribuindo na divulgação de um determinado evento por, aproximadamente, quatro meses.

Atualmente, as rádios universitárias mostram-se necessárias, ainda, no enfrentamento do negacionismo, sendo o rádio universitário um espaço de diálogo admitido em sua responsabilidade na arena comunicacional (Kischinhevsky; Lopez; Benzecry, 2021). Sob essa perspectiva, chamo atenção para o fato de que os processos (in)formativos e comunicativos envolvem a intencionalidade do emissor/locutor para com os receptores/ouvintes. Ainda, sob a ótica da inclusão, cabe destacar que o público ouvinte são os sujeitos compreendidos como grupo-alvo das programações via rádio, o que reitera a relevância do desenvolvimento crítico mencionado por Freire (2000), o qual chama atenção para a relevância do “[...] exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra o quê, o contra quem [...]” (p. 46).

Desse modo, a crítica sobre a valorização do conhecimento, sinalizada por Valente (1999), possibilita indagarmos acerca do trabalho e das intencionalidades nas programações de rádio, sendo importante considerarmos a forma como esses conteúdos e conhecimentos são apresentados. Os desafios da indústria do rádio são destacados por Kischinhevsky (2012, p. 63) ao apontar que ela “[...] encontra-se no meio de uma batalha pela sobrevivência diante da crescente convergência, da evolução dos dispositivos de recepção e da reconfiguração permanente dos hábitos de consumo dos ouvintes”, questão essa tratada pelo autor na perspectiva da expansão da radiofonia e sob a qual chama atenção para o radiofônico e categorizações possíveis desta nova radiofonia.

O rádio é marcado por características que, de modo geral, permitem compreendê-

lo na seguinte configuração (Quadro 1):

Quadro 1 – Características tecnológicas do rádio

- Instantâneo e simultâneo
- Transmissão efêmera, fugaz e sucessiva
- Unidirecionalidade da mensagem
- Recepção passageira e condicionada a horários específicos
- Interação condicionada à utilização de outros meios
- Ampla cobertura do sinal
- Baixo custo do aparelho
- Custo reduzido de produção em relação a outros meios

Fonte: elaborado a partir de Del Bianco (2009).

Uma série de características evidenciam as potencialidades do rádio enquanto recurso (in)formativo e comunicativo, útil à divulgação científica. Noto que o planejamento da programação se faz necessária uma comunicação clara, para que os objetivos (in)formativos e comunicativos sejam alcançados e a interação locutor-ouvinte seja efetivada. A lacuna espacial entre locutor e ouvinte é superada na medida em que determinada distância é suprida por interações compreendidas na importância do uso da imaginação. A possibilidade de interações síncronas e/ou gravadas possibilita um trabalho com o rádio em uma multiplicidade de finalidades, podendo o ouvinte estar, ou não, em interação direta com o locutor.

Sob a ótica das categorias assinaladas por Kischinhevsky (2012), apresento características da experiência aqui relatada e o contexto radiofônico compreendido, no que se refere a três categorias gerais: a) distribuição; b) recepção; c) circulação). Assim, quanto à distribuição, a experiência envolve a transmissão do tipo rádio aberto, sobre a qual destaco a abertura intentada à comunidade ouvinte de maneira ampla e acessível. Quanto à recepção, refiro-me à transmissão síncrona em um programa de horário fixo semanal, questão essa que contribui para a identificação da programação em relação ao trabalho de extensão universitária realizado. Por fim, quanto à circulação, optamos pela circulação aberta, visto que o caráter extensionista supracitado do projeto em questão tem como principal objetivo a articulação de

informações e saberes em um canal aberto da universidade para com a comunidade local/regional.

O desenvolvimento de uma visão crítica sobre o trabalho desenvolvido requer, portanto, a manutenção da programação de acordo com os conteúdos e conhecimentos e suas formas de apresentação, questão essa na qual os processos da linguagem são considerados mediante a importância da informação e da comunicação na sociedade contemporânea, assim como de uma visão crítica sobre as tecnologias e sua apropriação, e que, assim como sinalizado por Freire (2000), atendam ao desenvolvimento de processos de formação crítica e mobilize olhares sobre o mundo, sobre si, sobre os outros e, nesse caso, sobre o rádio, sua apropriação e as informações e comunicações nele compreendidas.

Nessa seara, a seguir apresento um relato da experiência enquanto docente enquanto mediador em entrevistas desenvolvidas durante a pandemia do novo Coronavírus, durante os anos de 2021 e 2022.

3 EXPERIÊNCIA DOCENTE ENQUANTO MEDIADOR EM ENTREVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO DO CAMPO VIA RÁDIO

No mês de setembro de 2021 e em março de 2022 ocorreram, respectivamente, entrevistas com foco em Educação Ambiental e Educação do Campo, com professores/pesquisadores convidados. Ambas as entrevistas foram mediadas por mim, enquanto docente representante da universidade pública à qual o projeto de extensão originário da ação é vinculado e no qual sou colaborador. O projeto de extensão em questão culminou na criação do programa de rádio intitulado “Hora da UEMG”, transmitido (até então) às quintas-feiras no horário de 11 horas, no turno matutino, na Rádio Educativa FM 96,7 (localizada no município de Carangola-MG).

Segundo Medina (2011), a relação entrevistador-entrevistado é desafiadora quando se almejam diálogos não reduzidos à objetificação do “outro” a partir das intencionalidades do “eu”, sendo importante que o processo seja de aprendizado,

educativo. Dito de outro modo, a liberdade conferida por mim (o *eu* – entrevistador) ao outro (*entrevistado*) implica na abertura para minha própria adaptação ao que se revela no diálogo empreendido. Assim, enquanto entrevistador,

[...]Ao mesmo tempo, eu aprendo como me comportar diante da abertura e certamente serei *eu* também exigido para me abrir, me colocar no tema do diálogo. Minhas posições racionalizadas, verbalizadas, meus rubores e tremores, piscada de olhos, mãos inquietas serão captados pelo interlocutor, darão força, confiança à própria abertura, mergulhamos ambos em um abismo imprevisível. Se conseguirmos sair dele através do nível consciente do diálogo verbalizado, teremos aprendido algo de cada um de nós e muito de nossa inter-relação (Medina, 2011, p. 36).

Depreendo que tal perspectiva relaciona-se às entrevistas por mim mediadas e aqui relatadas, pois, ao considerar o exercício dialógico discutido por Medina (2011), cabe destaque a liberdade narrativa proporcionada aos entrevistados para que, mediante as condições técnicas e de gestão das programações (horário, tempo de fala e tema abordado, por exemplo), organizassem suas narrativas em assuntos cujo desdobramento ocorresse de acordo com as condições singulares de expressão do conteúdo narrado.

O planejamento prévio das entrevistas possibilitou, então, acordarmos duas programações, sobre as quais organizamos e compartilhamos uma chamada pública em meios virtuais de comunicação, redes sociais. O anúncio dos programas está representado a seguir, na Figura 1:

Figura 1 – Convite referente as entrevistas do programa “Hora da UEMG”



Fonte: Autoria própria.

Quanto ao perfil dos convidados, as entrevistas ocorreram com um profissional graduado em Agronomia e outro em Ciências Biológicas. Quanto a questões acadêmicas e profissionais, o convidado Agrônomo é Mestre e Doutor em Produção Vegetal, atuando como docente em uma Escola Família Agrícola (Educação Básica e Técnica); e o candidato Biólogo, Mestre e Doutor em Biologia Celular e Estrutural, atuando como docente universitário (Educação Superior). Desse modo, a entrevista sobre Educação Ambiental aconteceu com o profissional da Ciências Biológicas, enquanto a Educação do Campo foi dialogada com o profissional da Agronomia.

Na programação sobre Educação Ambiental, abordamos questões sobre “meio ambiente” e “enchentes”, tendo como contexto de referência o município em que a rádio e a universidade na qual o projeto de extensão é registrado estão localizadas. O tema foi admitido em sua especial relevância no trabalho com as questões ambientais locais/regionais, visto que os desafios relacionados às enchentes têm sido vividos nos últimos anos e que esse risco fragiliza e ameaça a vida da população. Essa questão, de natureza ambiental, relaciona-se ao que preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente e Saúde (Brasil, 1997) sobre a necessária promoção de processos educativos que considerem o contexto ambiental próximo.

Na programação sobre Educação do Campo, abordamos assuntos sobre

“agricultura familiar” e o trabalho desenvolvido na “escola do campo” em que o entrevistado Agrônomo atua enquanto docente. Tratamos da realidade rural e desta na perspectiva educacional. Dialogamos sobre experiências de formação e o trabalho no contexto agrícola. Transitamos, também, por questões do meio rural e também da educação por meio da comunicação de conteúdos e saberes relacionados a Educação do Campo, o que possibilitou compartilharmos informações relacionadas a uma série de orientações e documentos disponíveis no âmbito do Ministério da Educação¹, com ênfase na valorização do campo da formação básica/técnica das escolas família agrícola e da pedagogia da alternância.

Uma síntese dos diálogos construídos está descrita abaixo, nos tópicos mencionados no Quadro 2:

Quadro 2 – Relação de conteúdos abordados em cada programa

Educação Ambiental: Meio Ambiente e Sustentabilidade	Educação do Campo: Agricultura familiar
<ul style="list-style-type: none"> - Águas/Rios/Enchentes - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável <ul style="list-style-type: none"> - Saúde e Bem estar (objetivo 3) - Educação de qualidade (objetivo 4) - Água potável e saneamento (objetivo 6) 	<ul style="list-style-type: none"> - Agricultura familiar e Educação do Campo <ul style="list-style-type: none"> - Escola Família Agrícola/Pedagogia da Alternância - Experiências na Escola Família Agrícola - Ibitirama (ES)

Fonte: Autoria própria.

A entrevista sobre Educação Ambiental possibilitou um trabalho envolvendo questões relacionadas à água e, especificamente, às enchentes, na perspectiva da sensibilização e instrução dos ouvintes, questão essa abordada a partir de experiências e conhecimentos cuja articulação se deu na perspectiva dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável apresentados pela Organização das Nações Unidas² (ONU). No caso da Educação do Campo, as experiências e saberes abordados orientaram-se no sentido do trabalho desenvolvido em uma Escola Família Agrícola, por meio do qual chamamos atenção para o contexto rural, sob a ótica educacional,

1 <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/30000-uncategorised/90931-educacao-do-campo>

2 <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

com especial atenção para o campo na interface da Agricultura Familiar.

Nessa conjuntura, noto que dentre as características tecnológicas do rádio destacadas por Del Bianco (2009) – (vide Quadro 1), a instantaneidade e a simultaneidade da comunicação radiofônica são evidenciadas nos programas por mim mediados, visto que o contato com o público ocorreu sob o auxílio do aplicativo *Whatsapp*, estando o *chat* do canal da rádio no *YouTube* disponível para interação. Essa questão sinaliza para a relevância da utilização de outros meios/recursos na mediação da comunicação, tendo havido manifestação de ouvintes com comentários em ambas as programações.

Um ponto a ser destacado envolve a articulação entre diferentes recursos tecnológicos e tipos de mídia na transmissão e divulgação da programação. Para isso fizemos uso da plataforma *Youtube* e dos aplicativos *Whatsapp* e *Instagram*, além de interagirmos durante as entrevistas por meio do *Google Meet*. A interação em diferentes meios demonstrou contribuir para a efetividade do trabalho. Além disso, outra questão a ser retomada é o fato de que o contexto de desenvolvimento das atividades foi afetado intensamente pelas limitações impostas pela pandemia da COVID-19. Entretanto, a adoção dos recursos tecnológicos disponíveis possibilitou a mediação dos processos e realização das entrevistas com êxito, questão essa positiva, especialmente se considerarmos a natureza e a finalidade da comunicação radiofônica, que contribuiu para que a própria interação entre participantes ocorresse de maneira efetiva e sem maiores implicações em razão do necessário isolamento e distanciamento social.

O rádio demonstrou ser, assim, um importante veículo de (in)formação e comunicação, contribuindo para a manutenção das atividades de extensão no contexto universitário e para o desenvolvimento de processos educacionais em geral e, principalmente, relacionados à Educação Ambiental e à Educação do Campo. Me fiz mediador no processo de mediação. No diálogo com os pares, pude experimentar o quanto perguntas claras e objetivas corroboram para respostas assertivas, no tempo correto da programação. A didática refletida e praticada em sala de aula não foi, a princípio, suficiente

para a execução da atividade com destreza e domínio: um processo de reflexão e (auto) avaliação se fez necessário à melhoria das minhas condições particulares de contribuição no projeto. Desde então, um resgate de memórias tem ocorrido.

O contato com a rádio, assim como com a programação remota, me possibilitou ressignificar experiências passadas vividas enquanto ouvinte/receptor. Agora, a noção proporcionada pela experiência possibilita uma melhor compreensão de desafios vividos nesse campo profissional e das contribuições deste para um exercício crítico de fala e escuta, de (in)formação e comunicação. Reflito sobre a dinâmica da relação entre entrevistador e entrevistado sob a ótica da complexidade da natureza relacional dos seres humanos, questão essa mencionada por Freire (1967) e que no caso da comunicação via rádio me remete à questão da formação docente e ao desafio do trabalho e da formação para a mediação, entendendo-a como exercício inerente à atividade docente e mobilizadora de interações.

As experiências aqui mencionadas também me possibilitam afirmarem relação à perda da centralidade do rádio (Del Bianco, 2009) que esta foi suprida na medida em que outros recursos tecnológicos corroboram para o desenvolvimento do trabalho realizado. Ou seja, os recursos tecnológicos auxiliares foram responsáveis pela mediação das interações, cooperando na condução das transmissões via rádio e na divulgação das programações. Essa questão me permite sinalizar para a importância de um trabalho coletivo e que articule os recursos tecnológicos disponíveis, visto que, nesse caso, a efetividade dos processos (in)formativos e comunicativos esteve diretamente relacionada à superação das limitações impostas pelo contexto pandêmico, intentando-se investir na formação de cidadãos críticos e bem informados.

Isso requer considerar que a promoção da formação crítica é atualmente desafiada pela disseminação de *fake news*, ou seja, de falsas notícias/informações, pois, como destacam Chagas e Massarani (2020), estas promovem a desinformação, evidenciando a necessidade do trabalho com a divulgação científica e a responsabilidade social para lidarmos com ações dessa natureza. Nesse contexto, caracterizado

pelo isolamento e o distanciamento social ocasionado pela pandemia, somado à disseminação de inverdades de naturezas diversas, tem-se o rádio como estratégia de divulgação científica e instrumento/meio útil à superação da desinformação.

O objetivo de formação crítica sob a ótica da universidade envolve, portanto, extrapolar possíveis barreiras físicas e culturais que, em potencial, impedem o desenvolvimento crítico dos indivíduos, seja pela falta de acesso a informações ou pelo acesso a inverdades disseminadas acidental ou propositalmente, sendo a comunicação via rádio uma alternativa para o trabalho universitário alcançar espaços onde não nos encontramos necessariamente, ou ao mesmo tempo, de corpo presente. Além do mais, esse tipo de comunicação torna possível que as programações fiquem disponíveis em plataformas de acesso *on-line* ou sejam registradas de acordo com o interesse e disponibilidade de recursos dos ouvintes, em seus espaços e tempos particulares.

Segundo Leff (2012), é necessário superarmos a crise da razão humana, do conhecimento, estando ela associada à crise ambiental característica da atualidade, crise essa tratada na perspectiva da sustentabilidade, da epistemologia ambiental, porém relacionada a desafios outros da humanidade. Essa perspectiva se orienta no sentido das considerações de Morin (2011) acerca da complexidade do saber e a necessária reforma dos processos de ensino, na perspectiva de uma educação que considere as mudanças e desafios da atualidade.

Morin (2011) defende que um conhecimento pertinente se mostra essencial à superação da noção fragmentada da realidade, sendo importante não fracionarmos os conhecimentos de diferentes naturezas, a fim de que sejam considerados em sua potencial articulação. Por essa ótica, o autor discute saberes necessários à educação contemporânea e chama atenção para compromissos a serem considerados na produção e apreensão dos conhecimentos. Desse modo, a comunicação promovida em programações via rádio possibilita o compartilhamento de saberes por meio da interação entre entrevistador e entrevistado, sendo a flexibilidade dos assuntos

abordados uma característica positiva na perspectiva do atendimento a demandas recentes e sua inserção em programações nas quais os saberes compreendidos sejam úteis ao desenvolvimento de sociedades críticas e democráticas.

Como destaca Pimenta (1999):

[...] a finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, é possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria. O que implica analisa-los, confrontá-los, contextualizá-los. Para isso, há que os articular em totalidades que permitam aos alunos irem construindo a noção de “cidadania mundial” (Pimenta, 1999, p. 23).

Nesse caso, as relações humanas comentadas por Freire (1967) são consideradas e trabalhadas amplamente, utilizando-se do rádio como instrumento mediador de formações e mobilizador de saberes. A docência universitária é estimulada na interface da extensão, possibilitando que o trabalho dos professores seja desenvolvido no contato com a população interna e externa ao espaço universitário.

A compreensão crítica das tecnologias (Freire, 2000) encaminha-se, nesse sentido, à crítica a comunicação radiofônica, permitindo-nos refletir acerca de questões como: Que programações demarcam a relação entre as universidades e as respectivas comunidades locais? Esse tem sido um exercício amplamente realizado no país? O que tem sido informado/comunicado, com que finalidade e para que perfil de público ouvinte? Quais as contribuições das programações via rádio na atualidade, tendo em vista, por exemplo, os desafios do conhecimento complexo e a educação de qualidade compreendida como meta para a sustentabilidade? Seria a formação de professores para a mediação e a participação em entrevistas uma estratégia cuja contribuição possibilitaria, entre outras questões, o estímulo ao desenvolvimento de atividades de extensão universitária dessa natureza nos demais contextos da educação superior no país?

Neste texto não me proponho a respondê-las. Contudo, entendo que tais problematizações configuram-se como potencial estímulo à reflexão sobre a docência

universitária, as possibilidades de ampliação das atividades de extensão relacionadas ao rádio, à comunicação de saberes, à atualização da população acerca de conhecimentos e práticas dos professores e dos convidados em suas áreas e contextos diversos de atuação. Sob essa perspectiva, cabe considerar que, como sinaliza Freire (1985), não há pensamento isolado na medida em que não há seres humanos isolados. Ou seja, a atenção aos processos comunicativos e o estabelecimento de interações que corroborem com os processos educativos se mostram questões necessárias no alcance das metas de vida, de educação, de sustentabilidade discutidas no tempo histórico atual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, cabe retomar as duas indagações centrais do artigo: *Quais as contribuições do programa “Hora da UEMG” para a (in)formação e comunicação via projeto de extensão? Que conteúdos e conhecimentos de Educação Ambiental e Educação do Campo são mobilizados na transmissão por rádio?*

Enquanto dispositivo e veículo de (in)formação e comunicação, as atividades desenvolvidas na rádio nos possibilitaram transitar por etapas de planejamento, organização e execução das programações, em temas e assuntos diversos relacionados à Educação Ambiental e à Educação do Campo. As entrevistas permitiram divulgar e compartilhar conhecimentos admitidos em sua relevância socioambiental e educacional, intentando-se contribuir para a formação crítica dos ouvintes e o estreitamento da relação entre universidade e comunidade local.

Foram mobilizados conteúdos e saberes sobre meio ambiente, sustentabilidade, águas/rios/enchentes, saúde e bem estar, saneamento, educação, agricultura familiar e escolas do campo. Os temas/assuntos tratados foram abordados à luz da Educação Ambiental e da Educação do Campo, possibilitando a socialização crítica do conhecimento por meio da (in)formação e comunicação via rádio e contribuindo para a divulgação científica adaptada ao contexto da pandemia por meio da comunicação

radiofônica.

As entrevistas via rádio permitiram, assim, resgatar e reiterar a importância do debate e da atenção acerca de questões sobre meio ambiente e o campo, na interface da educação e do necessário engajamento em processos de natureza teórica e prática para a superação de problemas socioambientais e o fortalecimento de atividades cujo êxito está intimamente relacionado à dimensão coletiva da vida e do trabalho humano.

AGRADECIMENTOS

Aos entrevistados e demais envolvidos na organização, execução e condução do projeto de extensão “Hora da UEMG”, no qual fui colaborador; à Universidade do Estado de Minas Gerais pelo trabalho desenvolvido enquanto docente; à Rádio Educativa FM 96,7 pela parceria; e aos avaliadores e demais envolvidos na apreciação do presente manuscrito, pelas importantes contribuições realizadas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e Saúde**. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>>.
- CHAGAS, C.; MASSARANI, L. **Manual de Sobrevivência para Divulgar Ciência e Saúde**. Editora Fiocruz, 2020.
- COCCO, R.; CAIMI, F. E. Rádio e educação no Brasil: Aproximações históricas e epistemológicas. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 13, n. 3, p. 62-86, 30 dez. 2022.
- DEL BIANCO, N. R. Aprendizagem por rádio. In: Fredric M. Litto; Marcos Formiga. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- DEL BIANCO, N.; PINHEIRO, E. B. B. Tensionamentos do viés educativo na origem e atuação do serviço de radiodifusão pública brasileiro. In: DEL BIANCO, N. R.; KLOCKNER, L.; FERRARETTO, L. A. (Orgs.). **80 anos das rádios Nacional e MEC**. 2017.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 8 ed., 1985.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. (Edição organizada por Ana Maria de Araújo Freire.).

GOMES, V. A. A produção radiofônica para crianças: um estudo sobre o papel educativo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. In: DEL BIANCO, N. R.; KLOCKNER, L.; FERRARETTO, L. A. (Orgs.). **80 anos das rádios Nacional e MEC**. 2017.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio social – Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas. In: NELIA, R. Del. **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. Grupo de Pesquisa Rádio, 2012.

KISCHINHEVSKY, M.; LOPEZ, D. C.; BENZECRY, L. Rádios universitárias e o necessário enfrentamento ao negacionismo. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 12, n. 1, p. 7, 17 jun. 2021.

LEFF, E. **Aventuras da epistemologia ambiental**: Da articulação das ciências ao diálogo de saberes. Tradução: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, N. C.; MORAES, U. D. V. de. A pandemia do novo Coronavírus e a veiculação de informações científicas pelas ondas da FM Universitária 96,7 da UFPI. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 12, n. 1, p. 28, 17 jun. 2021.

MEDINA, C. A. **Entrevista**: o diálogo possível. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília – DF: UNESCO, 2011.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999, p. 15-34.

ROCHA, A. M.; VACCARINI, E. D. A difusão do cinema brasileiro e o Cine Festival Inconfidentes: o audiovisual verde amarelo conquistando o interior de Minas Gerais. **Experiência. Revista Científica de Extensão**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/experiencia/article/view/17982>>.

VALENTE, J. A. et al. O computador na sociedade do conhecimento. **Campinas: Unicamp/NIED**, v. 6, 1999.

Contribuições dos autores

1 – Rafael Almeida de Freitas

Doutorando em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo
<https://orcid.org/0000-0001-9286-7610> • rafaalmeida02@gmail.com

Autor